MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leitura e escritos. RJ. Nova Fronteira, 2002.

A DIVERSIDADE CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARISA ROSA SOUZA

RESUMO

Este trabalho trata do fenômeno conhecido como bullying, expressão de língua inglesa utilizada para denotar a agressividade recorrente em atitudes tomadas por uma ou mais pessoas com o objetivo de causar dor, humilhação, sofrimento e angústia a outra pessoa. Para tanto, apresenta um estudo sobre o fenômeno bullying em ambiente escolar por meio de uma investigação sobre a existência desta violência na educação infantil, além de evidenciar as condições em que o bullying ocorre, buscando ainda entender o silêncio dos profissionais da educação acerca dessa problemática. Discorre sobre o tema baseado em uma pesquisa exploratória em parte da bibliografia disponível sobre bullying. O bullying é um termo inglês que exprime atitudes agressivas entre iguais, que acontece de forma repetida e sem um motivo que o justifique. Um fenômeno que sempre ocorreu nas escolas, mas que ganhou relevância devido a sua correlação com eventos trágicos. Conclui que o bullying na infância pode acarretar transtornos de personalidade e desencadear graves problemas no desenvolvimento psicossocial das crianças, como transtornos emocionais, desordens psicológicas e depressão, entre outros, transformando-as, na fase adulta, em pessoas com dificuldades em adequar as suas ações e reações. Portanto, acrescenta-se que os professores, as escolas, as famílias e a sociedade devem dar a devida importância às atitudes, às expressões e ao comportamento que configuram o aluno enquanto sujeito sócio-histórico-social, buscando a observação como aliada na intervenção nos comportamentos erráticos das crianças nesta fase educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, Docência, Educação Infantil e Violência escolar.

ABSTRACT

This work deals with the phenomenon known as bullying, an English-language expression used to denote recurrent aggression in attitudes taken by one or more people with the aim of causing pain, humiliation, suffering and distress to another person. In order to do so, it presents a study about the bullying phenomenon in the school environment through an investigation about the existence of this violence in the children's education, besides evidencing the conditions in which the bullying occurs, seeking also to understand the silence of the professionals of the education about this problematic . It discusses the topic based on an exploratory research in part of the available literature on bullying. Bullying is an English term that expresses aggressive attitudes among equals, which happens repeatedly and without a motive to justify it. A phenomenon

that has always occurred in schools, but that has gained relevance due to its correlation with tragic events. It concludes that childhood bullying can lead to personality disorders and lead to serious problems in the psychosocial development of children, such as emotional disorders, psychological disorders and depression, among others, transforming them into adults in people with difficulties in adjusting their actions And reactions. Therefore, it should be added that teachers, schools, families and society should give due importance to the attitudes, expressions and behavior that shape the student as a socio-historical-social subject, seeking observation as an ally in intervention in Children's erratic behaviors at this educational stage.

KEYWORDS: Bullying, Teaching, Early Childhood Education and School Violence.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios da humanidade no século XXI é o combate à violência existente no mundo. A todo o momento, a atual organização socioeconômica condiciona os sujeitos a disputarem posições hierárquicas em relação ao seu próximo.

Neste contexto, o bullying, objeto de estudo deste trabalho, não é um fenômeno incomum e isolado, posto que se faça presente em qualquer situação onde ocorram relações interpessoais, estando presente no dia a dia do indivíduo desde o início de seus relacionamentos interacionais. Além disso, o bullying vem se mostrando um tipo de violência que está ganhando formas diversas, dentro e fora das instituições de ensino privadas ou públicas.

Nesta pesquisa foram encontradas diversas maneiras de compreender o significado da palavra bullying, Fante (2005, p. 28), por exemplo, indica que “Bully, enquanto nome é traduzido como „valentão, „tirano, e como verbo „brutalizar,

„tiranizar, „amedrontar”.

Assim, buscou-se, através desta pesquisa, verificar como o fenômeno bullying se manifesta na educação infantil e ainda compreender como os profissionais da educação, os pais, a comunidade escolar e a sociedade agem diante de situações de bullying, que permeiam as escolas de todo o mundo. Deste modo, procurou-se discutir e diagnosticar essas práticas de violência que afetam a criança psicologicamente e fisicamente já na educação infantil, fase que rege a criança como ser social. Concomitantemente, tentou-se identificar as práticas de intervenção pedagógicas no combate ao bullying nas escolas.

Este estudo justifica-se por tratar-se de um suporte teórico tanto para profissionais da educação como para os pais e estudantes de Pedagogia, principalmente por ser um assunto que carece de estudos mais aprofundados aqui no Brasil, visto que a maioria das pesquisas não traz dados suficientes sobre os préescolares. Grande parte dos profissionais de educação que se encontra nas salas de aula atualmente e estudantes dos cursos de formação de professor ainda não conhece o fenômeno bullying. Outros profissionais, por sua vez, não admitem a ocorrência dessa prática ou as minimiza, tratando-

-o como uma simples brincadeira ou até acreditando que essas situações servem para fortalecer a criança ou adolescente. Essas atitudes, aliadas à desinformação dos pais aumentam o perigo das condutas agressivas entre os alunos. Assim, a prática do bullying atinge as crianças de faixas etárias mais baixas em escolas de todo o mundo. Esse é um problema ainda maior porque, na educação infantil, essas mesmas atitudes agressivas quase nunca são vistas com seriedade por educadores e pais e porque são raros pesquisadores que buscam trabalhar neste âmbito.

Com tudo isso, numa tentativa de começar a mudar essa realidade torna-se necessário pensar: Como o bullying se manifesta entre crianças da educação infantil? E quais são os tipos mais comuns?

Acreditamos que a sociedade em geral e, principalmente, os educadores devem tomar consciência da violência implícita que acontece dentro da escola, um lugar onde a convivência pacífica e o respeito às diferenças deveriam ser o seu lema. Assim, temos como objetivos do nosso estudo: Informar a educadores e pais acerca deste problema para que estes possam buscar meios de combater esta prática, a fim de melhorar as relações sociais e consequentemente o desenvolvimento cognitivo de seus alunos e filhos dentro da escola. Consideramos ainda relevante: - Identificar como o bullying se manifesta entre as crianças da educação infantil. - Identificar possíveis causas, consequências e formas de prevenção. Tudo que foi feito no intuito de alcançarmos os objetivos do nosso estudo monográfico.

Espera-se, portanto, que este trabalho possa contribuir para uma maior compreensão do assunto abordado, e que ainda auxilie os leitores desta pesquisa a pensar em alternativas para combater essa realidade violenta, que se multiplica diariamente dentro das escolas e por trás das grades escolares.

Conclui-se que, ao investigar o fenômeno bullying, alcançam-se os objetivos propostos e possibilita-se visualizar de forma holística a realidade que rege a educação, os docentes, as escolas, as vítimas e os agressores dessa realidade social.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO FENÔMENO BULLYING

Historicamente, os estudos sobre o bullying tiveram início na Suécia, na década de 70 e na Noruega na década de 80. Aos poucos, vem se intensificando nas escolas dos mais diversos países. A maioria dos brasileiros desconhece o termo bullying, sua gravidade e abrangência. Conforme Silva (2010, p. 111):

O bullying é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo cientifico no início dos anos 70. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos.

Entretanto, na Noruega o bullying foi durante muitos anos motivo de apreensão entre pais e/ professores, que se utilizavam dos meios de comunicação

para expressar seus temores e angústias sobre os acontecimentos. Mesmo assim as autoridades educacionais daquele país não se pronunciavam de forma oficial e efetiva diante dos casos ocorridos no ambiente escolar.

No final de 1982, um acontecimento dramático no norte da Noruega chamou a atenção da população daquele país, pois jornais noticiavam a morte de três crianças com idade entre dez e quatorze anos, que haviam cometido suicídio por terem sido submetidos pelos seus colegas de escola a situações de maus-tratos, reescrevendo assim a história do bullying na Noruega.

Diante deste acontecimento, começou uma mobilização nacional, onde o Ministério da Educação da Noruega realizou, em 1983, uma campanha em larga escala, visando ao combate efetivo do bullying escolar. Sabe-se que o fenômeno bullying já existe no mundo e nas escolas muito antes da nossa própria existência no ambiente escolar (FANTE, 2005).

A violência já acontecia da mesma maneira, com agressões e deboches, entre outros, no entanto, não se tinha um nome predeterminado para tal ato. Este não é um fenômeno recente, porém, no nosso país só nos últimos anos é que se começou a ter uma visibilidade maior sobre o assunto, uma vez que vários estudos sobre a matéria foram publicados e então surgiram pesquisadores para investigar mais a fundo este tema nas escolas.

Ainda hoje, há pouca literatura sobre o assunto e os autores ainda recentemente publicaram suas investigações e experiências com relatos vividos nas escolas. Depois disso, países como Portugal, Espanha, Canadá e Estados Unidos aderiram à campanha anti-bullying com influência positiva da Noruega.

Silva (2010), ao descrever um breve histórico sobre o bullying, relatou que Dan Olweus, professor de uma universidade de Bergen na Noruega foi quem relatou as primeiras investigações para diferenciar o bullying de outras interpretações de atos violentos. A autora relatou ainda que Olweus pode ser considerado o “Pai” do fenômeno bullying, pois foi o responsável pelas primeiras pesquisas realizadas nos anos 70 em escolas, onde utilizou como procedimento o uso de questionários que verificavam as características e a extensão do fenômeno.

Segundo Silva (2010), Dan Olweus pesquisou ainda como eram as intervenções que as unidades de ensino estavam adotando. Portanto, através desses estudos e pesquisas realizadas por Olweus, é que foram adaptados estudos sobre o bullying em outros países, inclusive no Brasil, que apesar de não ter muitos estudos referentes a este assunto, realizou, no Rio de Janeiro/RJ, uma investigação nas escolas baseados nos trabalhos de Olweus. Neste estudo, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescente (ABRAPIA), apontou que no Brasil o bullying acontece com maior frequência dentro das salas de aula, diferente de outros países, onde predomina o bullying no horário do recreio e fora da sala de aula.

No Brasil, as pesquisas são recentes, já que apenas a partir do ano de 2000 vem sendo investigado o bullying nas escolas. (FANTE, 2005) relata que essas pes-

quisas não são mais avançadas, pois em nosso país, ainda não se tem uma visão mais clara do fenômeno, portanto não há um patrocínio ou incentivo para que as pesquisas avancem. Contudo não se tem verba suficiente para realização dos estudos, sendo a maioria das pesquisas realizadas por doações e verbas dos próprios pesquisadores. Há poucos anos que a mídia vem fazendo campanhas antibullying e alertando as pessoas sobre a violência que vem acontecendo com maior intensidade dentro das instituições de ensino.

2. BULLYING E EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se falar em bullying entre crianças de 4 e 5 anos é preciso ter muito cuidado e inicialmente, discernir o que é próprio da criança dessa faixa etária do que está fora dos padrões que são esperados pelas mesmas.

De acordo com os estágios de Piaget (1982), crianças de quatro e cinco anos estão na fase pré-operatória. Porém, nesta idade, ela já começa a "abandonar" o egocentrismo e começa a socializar-se, mostrando também maior consistência em seus sentimentos em relação a objetos e pessoas, ou seja, no gostar ou no não gostar.

Nesse período aparecem os conflitos e podem-se identificar alguns comportamentos de discriminação, provocações ou mesmo a adoção de outros comportamentos agressivos que são praticados, por exemplo, de forma repetida e com o mesmo alvo.

Uma pesquisa feita em uma escola de Servilha (Espanha) com crianças de 4 a 6 anos comprovou a existência do bullying na educação infantil, o que muitos pesquisadores defendem assim como Ortega e Manks (2005) e Fante (2008), que se mostra preocupada com o envolvimento dessas crianças de tão pouca idade e as evidências de prejuízos sofridos pelas mesmas. Porém, algumas características diferenciam esta pesquisa realizada por Ortega e Manks (2005) das demais feitas com crianças maiores e adolescentes, a exemplo dos tipos de agressões utilizadas pelas crianças de educação infantil que possuem na grande maioria a forma direta. Ainda referindo-nos a essa pesquisa foi destacado que os agressores são sempre os mais rejeitados e as vítimas, por sua vez, não aparecem como as crianças mais fracas, contrastando mais uma vez com as pesquisas geralmente realizadas. Esta pesquisa foi baseada em outra, feita pela própria Manks no Reino Unido, repetindo seus resultados.

E de acordo com Ortega e Manks (2005, p. 453) "Estas diferencias se relacionan com la instable naturaleza del proceso de agresion / victimización, durante los años preescolares". E dizem ainda que:

Es possible que la más poderosa razón de la escasez de envestigación relativa a estos años sobre el fenómeno bullying sea de caracter metodológico, ya que hasta el momento los instrumentos exploratórios más comunes han sido los que requieren <>. Sin embargo, la edad, o factor psicoevolutivo, Es, a su vez, uma importante variable em estos estúdios, lo que aconseja no descuidar su investigación em años preescolares.(Ortega y Manks, 2005, p. 453).

Essa colocação de Ortega e Manks (2005) é, talvez, a mais cabível em relação à falta de trabalhos neste âmbito, visto que é de grande importância, principalmente, por se tratar dos primeiros anos escolares e em alguns casos, do início das condutas agressivas.

As pesquisas em escolas sobre o bullying são feitas na grande maioria em escolas de séries iniciais e ensino fundamental, os resultados mostram o número cada vez maior de crianças e jovens envolvidos com esse fenômeno, um exemplo é a pesquisa feita pelo CEMEOBES em 2007, mostrou que a média de envolvimento entre alunos de escolas brasileiras era de 45% acima dos índices mundiais (Fante e Pedra, 2008, p. 51). Mas, onde se origina essas agressões? Será que elas só começam a existir quando a criança chega a esta fase? Com certeza elas não aparecem do nada, estas práticas acontecem bem antes, muitas vezes antes das crianças chegarem à escola, dentro de suas famílias. Talvez, não sejam percebidas ou não tenha sido dada a devida atenção.

Segundo a psicologia comportamental os comportamentos agressivos podem ser percebidos desde os primeiros anos de vida das crianças. Estes comportamentos nem sempre são negativos, alguns psicólogos consideram normal, uma forma de defesa desenvolvida pela criança.

Para Zaguri (2004, p.104), a agressão infantil é compreendida como um "desconhecimento das regras sociais". Porém, o que pontuamos é o tipo de agressividade que foge da perspectiva adaptativa natural da criança e mesmo que ainda no início das relações sociais das crianças muito cuidado deve ser tomado e intervenções devem ser feitas pelos adultos responsáveis por estas.

E isso deve acontecer mesmo muito cedo como nos mostram Fante e Pedra:

> Entre os 2 e os 3 anos, as crianças precisam ter alguém que intervenha a fim de conter adequadamente o impulso e a ânsia que o provoca. Caso isso não aconteça, esse tipo de comportamento passa a fazer parte do seu repertório comportamental. Uma vez adotado esse comportamento, muitas crianças passam a desempenhá-lo em suas relações sociais, através de atitudes intimidatórias, abusivas e agressivas, como forma de manipular e conseguir seus intentos. (Fante e Pedra, 2008, p. 99)

As condutas agressivas são aprendidas pelas crianças por meio da observação e imitação de outras pessoas e é evidente que existem atitudes e condutas agressivas que acontecem nas classes de educação infantil, assim como nas demais, que não são de forma espontânea, como uma simples reação. Sendo interessante ser estudado até que ponto uma criança da educação infantil tem a intencionalidade em suas atitudes por exemplo.

De acordo com Constantiti (2004, p. 69/70) "É essa falta de respostas que facilita a formação e a consolidação de modelos de comportamentos, os quais, de fato rotulam quem é vítima e quem é agressor". Atitudes que passam despercebidas pelos adultos, que podem anteceder o bullying propriamente dito e trazer, consequentemente, problemas futuros, tanto para as vítimas quanto para os agressores, dentro e fora da escola.

Apesar das pesquisas sobre o bullying estarem crescendo no país, como já foi dito, tratar deste fenômeno na educação infantil é algo ainda delicado. Por se tratar de crianças pequenas, professores e pesquisadores do fenômeno muitas vezes excluem as salas de pré-escolares dos estudos iniciando suas pesquisas no ensino fundamental. Mas, não é porque pouco se faz pesquisas em escolas de educação infantil que se pode afirmar que ele não exista entre crianças dessa idade.

Fante e o psicólogo Pedra (2008, p.45), afirmam que "O comportamento bullying pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre os 3 e os 4 anos de idade podemos perceber o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso." Isso deixa claro a importância do estudo dirigido a crianças nesta fase que vivenciam essa violência ainda de forma quase oculta.

Como afirma Constantini (2004, p.70) "ocupar-se desse fenômeno é importante para uma ação preventiva acerca do possível desenvolvimento de comportamentos antissociais no futuro".

Por outro lado, o termo bullying, como é conhecido aqui no Brasil, assusta certos professores que acreditam ser um termo forte ou "pesado" para tratar de crianças pequenas, mas é muito comum escutar estes mesmos professores referindo-se a determinados alunos como agressivos ou violentos.

E o que é o bullying, senão um conjunto de agressões? Talvez se o Brasil já tivesse um termo próprio para designar tais atitudes, agressivas, isso não fosse ainda um assunto quase que restrito a pesquisadores, porque o que acontece é uma desinformação a respeito do fenômeno por parte até mesmo dos profissionais da educação. Inúmeras pessoas, inclusive educadores assemelham o bullying somente à prática suicida das vítimas, mas, pesquisas demonstram que o suicídio é só a ponta do iceberg: "É uma resultante de todo sofrimento vivido pelas vítimas no limite da exaustão emocional que acabam com a própria vida e outras, antes, voltam à escola e matam outras pessoas" (Fante e Pedra, 2008). Esses casos são considerados poucos, apesar da sua importância, quando comparados a todas as vítimas de bullying escolar em todo o mundo.

Enfim, com o conhecimento aprofundado desse assunto o profissional de educação será capaz de fazer muito no dia-a-dia dos estudantes a fim de evitar que casos extremos como esses cheguem a acontecer.

3. PAPEL DA ESCOLA FRENTE AO BULLYNG

Conforme já mencionamos, a violência praticada por crianças dentro da escola é um reflexo do que acontece na sociedade como um todo. Mas, a responsabilidade de proteger seus alunos dessa violência é dos educadores e

profissionais da educação. A escola não pode limitar-se ao ensino sistemático simplesmente, mas também funcionar como produtora de comportamentos sociais. Segundo Constantini;

O adulto no papel de educador tem grande responsabilidade na ação de combate a esse fenômeno. Sua função seria,

de um lado, chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, à convivência social e às regras ligadas a esta; de outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favoreçam a educação voltada para as relações e para os enfrentamentos entre os membros do mesmo grupo- classe. (Constantini 2004, p.70)

Assim, é obrigação da escola também oferecer a seus alunos um lugar onde possa se desenvolver livre de violência. Para isso, ela não pode fechar os olhos para essa realidade, é preciso modificar a própria estrutura e seus métodos pedagógicos, reorganizar currículo, formar o professorado, estabelecer regras de convivência claras para evitar o bullying, criar programas de intervenção antibullying, para que tenham êxito na erradicação das condutas violentas, e estar sempre vigilante. Realizar também um trabalho conciso que proporcionasse às testemunhas e vítimas, principalmente, "um desenvolvimento autocrítico positivo, como a autoestima e a capacidade de se impor, de defender o próprio ponto de vista para que ela consiga enfrentar seu destino" (Constantini 2004, p. 73).

Mas, os agressores também devem ter na escola trabalhos voltados para eles, com atividades que busquem desenvolver "comportamentos de autocontrole e de tolerância, de sentimentos altruístas e de educação social e cívica, como a empatia, a compreensão a solidariedade e o respeito às regras, seria útil para evitar cair em caminhos perigosos" (Constantini 2004, p. 73).

Contudo, a escola não pode trabalhar sozinha. Segundo Cério (2001, P.94)

"En las aulas de Educación Infantil está presente también la violência familiar o doméstica, que existe en algunos hogares y afecta a los niños pequeños condicionando negativamente su adaptación social y escolar.".

Por isso, para que o trabalho realizado na escola tenha êxito é necessário a fundamental colaboração da família. Atividades como reuniões periódicas para levá-los a refletir sobre o modo como estão educando seus filhos deve ser um dos primeiros passos seguido de orientações acerca do que podem e devem fazer para manter seus filhos afastados do bullying.

Outras ações contra a violência desenvolvidas pelos profissionais da educação podem ser: políticas educacionais contra a violência escolar, programas de mudanças na organização escolar, programas de formação do professorado, programas de atividades para serem desenvolvidas em salas de aula, estratégias de ações específicas contra a violência já instalada na escola.

Com essas atuações a escola pode promover a cooperação e o entendimento de todos. Educando para uma convivência pacífica escolar.

4. Possíveis Causas do Bullying

A compreensão do comportamento agressivo da criança deve ser explicada dentro do contexto em que ela se encontra.

As crianças de 4 e 5 anos, geralmente, fazem parte de dois grupos sociais, a família e a escola. Por sua vez, elas refletem na escola com seus companheiros

atitudes que imitam de seus familiares, professores, além de personagens de televisão. Baseando-nos neste pensamento, acreditamos que as principais causas da agressividade nas escolas de educação infantil podem ser: pessoais, familiares, os meios de comunicação e a própria escola.

Pessoais: crianças com déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), impulsividade, distúrbios comportamentais, com problemas de autoestima, depressão, stress. Familiares: Crianças que sofrem maus-tratos, que tem pais permissivos ou opressores, que sofrem abusos, que tem uma família desestruturada. Mídia: a mídia reproduz a violência de forma acrítica e apresenta para as crianças a violência como se essa fosse à forma de resolução de poder aceita socialmente, criando novos padrões e valores.

Desse modo, é muito comum ver no recreio as crianças reproduzindo as falas e atos das personagens de filmes que não deveriam ser vistos por elas e utilizandose destes para provocar e até humilhar seus colegas com a "ajuda" da mídia que utiliza de estereótipos negativos de uma parcela da população.

Para exemplificar como a mídia pode influenciar, negativamente, nos valores que ainda estão sendo formados em nossas crianças, trazemos um caso real que aconteceu em uma escola de educação infantil do Estado da Bahia. João, uma criança de quatro anos brinca no pátio com seus colegas e propõe que brinquem de

"Tropa de Elite".

Ele se autonomeia Capitão Nascimento e escolhe os outros policiais: aponta para alguns colegas, brancos, e os escolhe como policiais e os negros seriam os ladrões. Um menino negro briga para ser policial e se senta um pouco afastado muito aborrecido com a escolha e João diz, naturalmente: "não, porque o preto que é o ladrão" e todos concordam com ele e o menino se conforma. Depois João diz ainda: "o branco é polícia e o preto é ladrão, as meninas não podem brincar".

E brincam sem que nenhuma intervenção seja feita pela professora. Durante todo esse tempo, podem-se ver atitudes de violência e se escutar muitos palavrões. Até mesmo um saco foi utilizado para representar uma das cenas onde o policial mata um suposto bandido por asfixia. Só então a brincadeira é encerrada. Neste exemplo, percebemos que João não tem a intenção de magoar seus colegas negros. Mas, seus valores já estão sendo corrompidos e pode-se perceber que para esta criança está determinado que os negros fossem sempre os ladrões. Outra criança poderia utilizar-se disso para humilhar ou discriminar seus colegas.

Ultimamente, assistir programas sensacionalistas como "Bocão" e „Na Mira, virou moda entre as crianças, além, dos próprios desenhos que trazem a violência de maneira explícita. Toda essa violência produzida pela mídia televisiva é levada para dentro da escola e reproduzida como simples brincadeira.

E as crianças, principalmente do sexo masculino "aprendem", nestes programas que o uso da força física o fará superior, um poderoso e respeitado líder. Além da televisão existem as músicas, especialmente na cidade de Salvador, onde os pagodes fazem sucesso entre as

crianças com suas letras que vulgarizam a mulher e que incitam a violência a exemplo da música do grupo Parangolé “Desço a madeira”, cujo refrão não passa da mera repetição dessa frase. A partir daí aparecem apelidos depreciativos, lutas “de brincadeiras”, mas que machucam etc.

Ainda assim, valem a pena esclarecer que o problema da agressividade infantil não deve ser ligado exclusivamente a programas de televisão, letras de músicas ou a jogos eletrônicos, ainda que violentos, como mostra Middelton-Moz e

Zawadski, (2007, p. 70): “O problema existe quando a televisão é o modelo de comportamento mais contundente na vida da criança e/ou as ações de seus cuidadores dão sustentação ao comportamento agressivo e à intolerância.” Escola: Condicionada pelas próprias estruturas escolares e seus métodos pedagógicos as escolas muitas vezes provocam nos estudantes vivências muito negativas.

As escolas contribuem para ocorrência de abuso psicológico sobre crianças e adolescentes, ao admitirem a existências de relações conflituosas entre os alunos (bullying) e os tratamentos humilhantes e desrespeitosos entre o corpo discente e docente. Outra forma de violência -muito naturalizada- é a violência das precárias condições estruturais existentes nas escolas que, de forma simbólica, afeta a formação de identidade e autoestima juvenil e sua capacidade de projeção de futuro. (Assis e Avanci, 2006, p.64).

Ser alvo de bullying definitivamente atinge e, por vezes, é letal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo cientifico, foi relatado aqui, há grande importância das escolas e da sociedade no combate ao bullying, devendo-se tomar algumas medidas e buscar algumas maneiras que sejam capazes de combater ou ao menos evitar o bullying. Para que isso ocorra, é necessário que todos se sensibilizem e se conscientizem que o problema existe nas diferentes culturas e sociedades.

Sendo por meio da educação escolar e familiar, o agente desmotivador ao preconceito e a intolerância pelo diferente. No momento em que os alunos tomam consciência prática do bullying, se sentirão seguros para comunicar ao educador, cabendo ao educador intervim e desmotivar essa pratica. Da mesma forma, os alunos analisarão as consequências, antes de decidirem tornar-se um possível agressor.

É de suma importância que a instituição de ensino, capacite e oriente os seus educadores sobre essa problemática. Incluindo no currículo a abordagem ao problema bullying, através das atividades sociais e intervenção sobre as diferenças características físicas e suas normalidades, visando sensibilizar os alunos e alertar para que não sejam obrigados a sofrer em silêncio.

Organizar ações de formação para todos os setores envolvidos sobre a temática e todas as suas implicações é também um vetor de combate e prevenção do bullying.

Para todos os autores anotados neste estudo, a solução para evitar o bullying é criar um ambiente escolar seguro e sadio, em que se conscientizem os